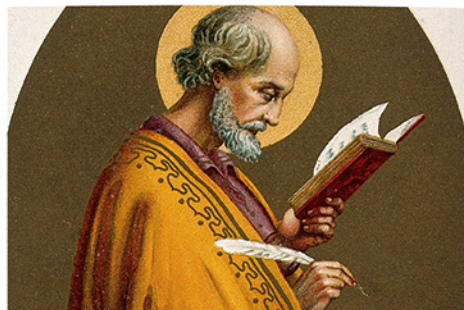




SÉRIE
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

LUCAS



R. T. France

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário Expositivo</i>	vii
Introdução à <i>Série Comentário Expositivo</i>	ix
Nota dos editores	x
Reduções gráficas (abreviações e siglas)	xi
Introdução a Lucas	1
Lucas 1.5-25	9
<i>Uma criança especial é prometida</i>	
Lucas 1.26-38	15
<i>O nascimento do Filho de Deus é anunciado</i>	
Lucas 1.39-56	20
<i>O cântico de Maria: o Magnificat</i>	
Lucas 1.57-80	26
<i>O nascimento de João</i>	
Lucas 2.1-20	31
<i>O nascimento de Jesus</i>	
Lucas 2.21-40	37
<i>O Messias bebê é reconhecido</i>	
Lucas 2.41-52	42
<i>O menino Jesus no Templo</i>	
Lucas 3.1-20	48
<i>João Batista</i>	
Lucas 3.21-38	53
<i>O batismo de Jesus</i>	
Lucas 4.1-13	58
<i>Teste no deserto</i>	
Lucas 4.14-30	63
<i>O manifesto de Jesus</i>	
Lucas 4.31-44	69
<i>Sábado em Cafarnaum</i>	
Lucas 5.1-11	74
<i>Os primeiros discípulos</i>	
Lucas 5.12-26	79
<i>Duas curas memoráveis</i>	
Lucas 5.27-39	85
<i>Banquetes e jejuns</i>	
Lucas 6.1-16	90
<i>O Senhor do sábado e a nomeação dos Doze</i>	
Lucas 6.17-26	96
<i>A vida boa</i>	
Lucas 6.27-38	102
<i>“Amem seus inimigos”</i>	
Lucas 6.39-49	108
<i>Verdadeiro e falso discipulado</i>	
Lucas 7.1-17	113
<i>Poder sobre enfermidade e morte</i>	
Lucas 7.18-35	119
<i>Jesus e João Batista</i>	
Lucas 7.36—8.3	125
<i>Jesus e as mulheres</i>	
Lucas 8.4-21	131
<i>Ouvir e atender</i>	
Lucas 8.22-39	137
<i>Encontro na outra margem do lago</i>	
Lucas 8.40-56	143
<i>Uma mulher enferma e uma menina morta</i>	

Lucas 9.1-17.....	148	Lucas 18.15-34.....	274
<i>“Quem é este?”</i>		<i>Os valores revolucionários</i>	
Lucas 9.18-36.....	153	<i>do reino de Deus</i>	
<i>O Messias e sua glória</i>		Lucas 18.35—19.10	280
Lucas 9.37-56.....	159	<i>Um mendigo cego e um corrupto rico</i>	
<i>Os seguidores falíveis de Jesus</i>		Lucas 19.11-27.....	286
Lucas 9.57—10.12	165	<i>Use ou perca</i>	
<i>Discipulado e missão</i>		Lucas 19.28-48.....	292
Lucas 10.13-24.....	170	<i>A vinda do Rei</i>	
<i>Rejeitar ou aceitar Jesus</i>		Lucas 20.1-19.....	298
Lucas 10.25-37.....	175	<i>Provocação e réplica</i>	
<i>“Ame seu próximo”</i>		Lucas 20.20-40.....	303
Lucas 10.38—11.13	180	<i>Duas perguntas de teste</i>	
<i>Lições sobre devoção e oração</i>		Lucas 20.41—21.6	309
Lucas 11.14-36.....	186	<i>Jesus toma a iniciativa</i>	
<i>Reações negativas a Jesus</i>		Lucas 21.7-36.....	315
Lucas 11.37-54.....	192	<i>“Quando essas coisas acontecerão?”</i>	
<i>O fracasso da liderança de Israel</i>		Lucas 21-37—22.16	321
Lucas 12.1-21.....	197	<i>Preparativos para a Páscoa</i>	
<i>Lealdade dividida</i>		Lucas 22.17-34.....	327
Lucas 12.22-40.....	202	<i>A última refeição de Jesus</i>	
<i>Prioridades</i>		<i>com seus discípulos</i>	
Lucas 12.41-59.....	208	Lucas 22.35-53.....	333
<i>Interpretar os tempos</i>		<i>No monte das Oliveiras</i>	
Lucas 13.1-17.....	214	Lucas 22.54-71.....	339
<i>“Se não se arrependerem”</i>		<i>Os julgamentos de Pedro e de Jesus</i>	
Lucas 13.18-35.....	220	Lucas 23.1-25.....	344
<i>Prontos para o reino de Deus?</i>		<i>O veredicto romano</i>	
Lucas 14.1-14.....	226	Lucas 23.26-49.....	350
<i>Conversa à mesa</i>		<i>A morte de Jesus</i>	
Lucas 14.15-35.....	232	Lucas 23.50—24.12	356
<i>O custo do discipulado</i>		<i>Junto ao túmulo</i>	
Lucas 15.1-32.....	238	Lucas 24.13-35.....	362
<i>Perdidos e encontrados</i>		<i>O Jesus ressurreto é revelado</i>	
Lucas 16.1-18.....	244	Lucas 24.36-53.....	368
<i>Deus e mamom</i>		<i>A comissão dos discípulos</i>	
Lucas 16.19-31.....	250	Notas	375
<i>Afluência e vida depois da morte</i>		Bibliografia.....	385
Lucas 17.1-19.....	256		
<i>Lições sobre discipulado</i>			
Lucas 17.20-37.....	262		
<i>A vinda do reino de Deus</i>			
Lucas 18.1-14.....	268		
<i>Dois parábolas sobre oração</i>			

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta que fizemos quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher uma importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As abordagens sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em análises técnicas, os pastores muitas vezes lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento

hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário que empregue o que há de melhor no que diz respeito à pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido com o propósito de disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em torno de seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira quanto de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se dedicam a preparações semanais, com o auxílio desta obra, vão saber que estão lendo aproximadamente a mesma quantidade de texto a cada semana.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e uma

lista de seus temas principais. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar abordagens mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Nos tempos atuais, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto

na seção “Para entender o texto”, cada unidade traz as seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, sua Palavra “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade:

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Temas principais*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.
 - b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
 - c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
 - d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
 - e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica

cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os temas principais e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Temas principais”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui, o comentário sugere ilustrações úteis

em áreas como literatura, entretenimento, história, biografia, vida cotidiana, medicina e mais de quarenta outras categorias presentes na cultura. O propósito é oferecer ideias gerais para despertar a criatividade de pregadores e professores e ajudá-los na preparação de ilustrações para uma exposição mais vívida da mensagem e seus temas principais.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para reduzir a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias

Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro

1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Gerais

c.	cerca de, por volta de
cf.	conferir
cap(s).	capítulo(s)
p. ex.	por exemplo
lit.	literalmente
v.	versículo(s)

Versões e manuscritos antigos

LXX

Versões contemporâneas

KJV	King James Version
NIV	New International Version
NRSV	New Revised Standard Version
REB	Revised English Bible
RSV	Revised Standard Version

Apócrifos e Septuaginta

Si	Sirácida
Tb	Tobias

Manuscritos do Mar Morto

CD	Documento de Damasco
1Q28a (1Q5a)	Regra da Congregação
11Q19	Templo ^a

Mishná e Talmude

<i>b.</i>	Talmude babilônico
<i>m.</i>	Mishná

' <i>Abot</i>	'Abot [Pais]
<i>Ber.</i>	Berakot [Bênçãos]
<i>Ketub.</i>	Ketubbot [Certidões de Casamento]
<i>Mak.</i>	Makkot [Açoites]
<i>Pesab.</i>	Pesahim [Festa da Páscoa]
<i>Sanb.</i>	Sanhedrin [Sinédrio]
<i>Shabb.</i>	Shabbat [Sábado]
<i>Yoma</i>	Yoma (= Kippurim) [Dia da Expição]

Pais apostólicos

<i>Did.</i>	Didaquê
-------------	---------

Obras gregas e latinas

Eusébio

<i>Hist. ecl.</i>	<i>História eclesiástica</i> (<i>Historia ecclesiastica</i>)
-------------------	---

Josefo

<i>Ápion</i>	<i>Contra Ápion</i> (<i>Contra Apionem</i>)
<i>Ant.</i>	<i>Antiguidades dos judeus</i> (<i>Antiquitates judaicae</i>)
<i>Vida</i>	<i>Vida [de Flávio Josefo]</i> (<i>Vita</i>)
<i>G. Jud.</i>	<i>Guerras judaicas</i> (<i>Bellum judaicum</i>)

Filo

<i>Emb.</i>	<i>Da embaixada a Gaio</i> (<i>Legatio ad Gaium</i>)
-------------	---

Plínio, o Jovem

<i>Ep.</i>	<i>Epístolas</i> (<i>Epistulae</i>)
------------	---------------------------------------

Tácito

<i>An.</i>	Anais (<i>Annales</i>)
------------	--------------------------

Introdução a Lucas

Lucas-Atos: uma obra em dois volumes

A ordem canônica tradicional dos livros do Novo Testamento divide a obra de Lucas em duas seções distintas, o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. No entanto, Atos 1.1-2 deixa clara a vinculação entre elas, e a parte final de Lucas 24 dá a impressão de que a mente de Lucas já está tão voltada para o segundo volume quanto para a conclusão do primeiro. Lucas 1.1-4 não especifica o que ele inclui nas “coisas que se cumpriram entre nós”, mas parece provável que, quando Lucas começou seu Evangelho, já pretendesse abranger toda a história até seus dias. Por certo, quando ele chegou ao fim do Evangelho, já planejava nitidamente oferecer ao misterioso Teófilo um relato abrangente das origens do cristianismo. A divisão desse projeto ambicioso em dois livros reflete limites práticos, a saber, quanto texto podia ser escrito em um rolo só (o Evangelho de Lucas é o “livro” mais longo do Novo Testamento, e Atos fica perto em segundo lugar), embora, sem dúvida, haja também uma divisão clara e conveniente em dois períodos: o período da presença de Jesus na terra e

o período da missão de seus discípulos depois de sua ascensão.

Teófilo, a quem os dois volumes são explicitamente dirigidos, não é mencionado em nenhum outro lugar. O título “excelentíssimo” (Lc 1.3) indica uma pessoa de posição social elevada (é usado dessa forma em At 23.26; 24.3; 26.25), e o verbo traduzido por “ensinadas” em Lucas 1.4 se tornou, no uso cristão, uma designação da “catequese”, a instrução formal na fé que, com frequência, antecedia o batismo. É possível, portanto, que Teófilo fosse alguém de alto escalão convertido ao cristianismo. Seu nome grego talvez indique um não judeu, embora judeus na cultura multilíngue da Palestina também tivessem esse nome. Costuma se considerar que ele era o mecenas literário de Lucas; essa prática de se dirigir a uma figura importante era um modo reconhecido de iniciar uma obra literária, sem a intenção de que a obra fosse apenas para o uso desse indivíduo.

Quem era Lucas?

O único Lucas que conhecemos no Novo Testamento era colega de Paulo, descrito como um de seus “cooperadores” (Fm 24;

cf. 2Tm 4.11) e “nosso querido amigo Lucas, o médico” (Cl 4.14). Dificilmente se atribuiria a autoria desses dois livros a uma pessoa relativamente obscura a menos que seu nome já tivesse fortemente relacionado com eles na tradição cristã, e nenhum outro indivíduo foi proposto como autor; a maioria dos estudiosos aceita a atribuição.

Uma característica interessante de Atos é que a narrativa, geralmente na terceira pessoa, muda de forma repentina para a primeira pessoa em vários pontos, dando a entender que o próprio autor estava presente durante esses trechos do relato. As passagens na primeira pessoa do plural são Atos 16.10-17; 20.5-16; 21.1-18; 27.1—28.16, o que pode significar que o autor se juntou ao grupo de Paulo em Trôade na segunda viagem missionário e o acompanhou até Filipos; depois, voltou a se encontrar com o grupo na segunda parte da terceira jornada e viajou com ele de Filipos a Jerusalém; por fim, acompanhou Paulo de Cesareia a Roma, na jornada que encerra Atos. Isso indica que Lucas passou tempo considerável na Palestina durante a prisão de Paulo, tempo que ele pode muito bem ter usado para pesquisar material para seu relato histórico. Se, depois disso, ele permaneceu com Paulo em Roma, essa estada corresponde a referências feitas por Paulo à presença de Lucas com ele em Colossenses, Filemom e 2Timóteo.

Nada disso é prova da autoria de Lucas, mas essa parece ser a explicação mais adequada para os dados que temos. Se, portanto, Lucas foi o autor de Lucas-Atos, é provável que esses sejam os únicos livros do Novo Testamento escritos por um não judeu, pois Lucas aparece na relação feita por Paulo de colaboradores gentios depois de Colossenses 4.11.

As passagens na primeira pessoa do plural indicam um membro que se juntou ao grupo no mundo grego, e não no mundo judaico. O excelente estilo grego e a apresentação literária da obra correspondem a alguém para quem o grego era a língua nativa, embora o autor seja claramente instruído a respeito de questões judaicas e faça uso frequente e entusiástico da versão grega das Escrituras hebraicas (a Septuaginta, abreviada por “LXX”).

A origem da obra

Trataremos em mais detalhes a declaração de intenção de Lucas adiante, em Lucas 1.1-4, mas fica evidente que ele não escreveu em um vácuo, pelo menos no que diz respeito ao primeiro volume de sua obra. Outros já haviam redigido narrativas da vida e dos ensinamentos de Jesus, e Lucas acrescenta seu texto conscientemente aos deles, tendo por objetivo aprimorar o que haviam conseguido oferecer. Lucas não nos diz quem são eles, mas, no parecer da maioria dos estudiosos, o Evangelho de Marcos é um desses textos e constituiu uma fonte importante para o relato de Lucas. Consideraremos a seguir a possibilidade de que houvesse outros relatos menos substanciais em circulação em forma escrita ou oral que não chegaram até nós, mas que estavam disponíveis como fontes para Lucas.

Os Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas têm em comum a mesma estrutura narrativa (que apresenta semelhanças ainda mais impressionantes quando comparamos essa estrutura com o delineamento diferente do Evangelho de João) de um extenso ministério na Galileia, seguido de uma jornada decisiva para o sul, até Jerusalém, depois da qual os acontecimentos culminantes se

desdobram nessa cidade. Se, como imagina a maioria dos estudiosos, Marcos é o Evangelho mais antigo dos três, parece provável que essa estrutura tenha se originado com sua obra. Por vezes, Lucas segue a narrativa de Marcos de perto, mas também traz grande quantidade de conteúdo adicional (consideravelmente mais do que Mateus) independente de Marcos. De modo específico, o relato da jornada para Jerusalém, que ocupa, em Marcos, apenas um pouco mais de dois capítulos e, em Mateus, um pouco mais de quatro, corresponde a quase metade do Evangelho de Lucas (Lc 9.51—19.44). Lucas condensou nessa seção da história um bocado de conteúdo que não aparece em Marcos e (em menor grau) em Mateus.

Não há dúvida que existe uma relação literária próxima entre Marcos, Mateus e Lucas, mas tentativas de definir a natureza dessa relação continuam a apresentar extensas variações. Fica claro, no mínimo, que o Evangelho de Lucas é muito mais que uma simples versão revisada de Marcos e que tem uma grande quantidade de fontes independentes e uma abordagem própria distinta da forma que a história de Jesus deve ser narrada. Trataremos dessas questões em mais detalhes ao estudarmos Lucas 1.1-4, a seguir.

A data em que o Evangelho de Lucas foi escrito é um enigma. Por um lado, é natural supor que Atos tenha sido escrito depois de Lucas e que a narrativa de Atos termine em 62 d.C., com Paulo em prisão domiciliar em Roma propagando o evangelho triunfantemente. É quase certo que esse período de relativa liberdade não durou muito tempo e que Paulo foi executado durante a perseguição aos cristãos em Roma por Nero em 64-65 d.C.; contudo, Atos não traz nenhum indício dessa mudança drástica

que ocorreu após a destruição posterior de Jerusalém em 70 d.C. Uma explicação óbvia para esse silêncio surpreendente (“o cão que não latiu”) é que Atos dos Apóstolos foi escrito antes da perseguição empreendida por Nero e da morte de Paulo. Atos teria se originado, então, no início da década de 60 e, portanto, o Evangelho teria sido escrito, supostamente, alguns anos antes.

Por outro lado, é tradição entre estudiosos falar dos anos 60 como a data mais recuada possível para Marcos e situar os Evangelhos de Mateus e de Lucas em um período posterior, uma vez que se pressupõe que Mateus e Lucas tiveram acesso a uma versão completa de Marcos. A preferência é por uma data por volta de 80 d.C. De modo específico, toma-se por certo, com frequência, que passagens como Lucas 19.43,44; 21.20-24, embora sejam aparentemente textos com predições feitas por Jesus, na verdade reflitam o conhecimento pessoal de Lucas do cerco romano e da conquista de Jerusalém em 70 d.C.

Os argumentos são complexos, e não temos espaço para tratar deles aqui, mas o leitor deve estar ciente de que, embora a data mais recente seja a que recebe apoio mais amplo, para uma minoria crescente de estudiosos, uma data para o Evangelho de Lucas (pelo menos para o primeiro rascunho e, possivelmente, para a versão completa) antes de 64-65 d.C. corresponde de modo mais adequado às evidências, por mais inconveniente que seja para a datação tradicional dos Evangelhos. Essa proposta é especialmente plausível quando considerada em conjunto com uma perspectiva menos rígida (“X copiou Y”) sobre a natureza da relação literária entre Marcos, Mateus e Lucas do que

a maioria dos meios acadêmicos tradicionais muitas vezes se mostra disposta a considerar.

Lucas, o historiador: Lucas 1.1-4

Lucas faz uma declaração explícita de intenção no início de sua obra, e um estudo desse prefácio revela muita coisa a respeito de seu propósito e de seu método.

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato das coisas que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidas por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Com isso em mente, uma vez que eu mesmo investiguei tudo com cuidado desde o começo, também decidi escrever para você um relato ordenado, excelentíssimo Teófilo, a fim de que tenha a certeza das coisas que lhe foram ensinadas.

Outros historiadores e autores antigos de obras literárias de não ficção fazem declarações semelhantes de intenção e garantem a seus leitores que suas obras são dignas de confiança; o estilo formal das palavras iniciais de Lucas harmoniza com essa convenção literária greco-romana. Nem todos os historiadores antigos, porém, cumpriam o que prometiam, e tem havido muita discussão sobre até que ponto Lucas foi capaz de alcançar o ideal declarado nessa passagem.

Por um lado, há problemas específicos, como o censo romano mencionado em 2.1-3 (veja comentários ali), ou o fato de que o relato de Lucas das insurreições judaicas em Atos 5.36,37 difere quanto à sequência do relato desses mesmos acontecimentos por Josefo. Em contraste com isso, convém destacar a precisão com que Atos reflete a situação política instável em várias províncias romanas, bem como a capacidade extraordinária de Lucas de

usar os termos técnicos corretos para diversos oficiais locais.

Por outro lado, alguns estudiosos enfatizam a falta de “objetividade” de Lucas, pois ele escreve como crente em Cristo com o propósito de recomendar a fé e seu fundador e não hesita em apresentar como história factual acontecimentos sobrenaturais para os quais não há explicação científica. Com base nesses fatos, evidentemente, nenhum autor bíblico pode ser considerado um historiador “objetivo”. Trata-se, contudo, de uma questão de pressuposição filosófica, e não de método histórico. O fato de Lucas escrever como cristão dedicado que crê em Jesus ressurreto dificilmente põe em risco sua confiabilidade histórica para aqueles que têm uma cosmovisão capaz de abarcar Deus e milagres!¹

Se entendermos as palavras iniciais de Lucas literalmente, vários trechos oferecem esclarecimento importante sobre seus objetivos e métodos como historiador.

1.1 *Muitos já se dedicaram a elaborar um relato.* A maioria dos estudiosos toma por certo que as primeiras coletâneas de palavras e feitos de Jesus circulavam oralmente entre congregações cristãs algum tempo antes de surgirem os Evangelhos escritos, mas, uma vez que Lucas apresenta sua obra na mesma categoria que esses “muitos” relatos, tudo indica que pelos menos algumas narrativas iniciais já existiam em forma escrita. Como foi mencionado acima, provavelmente devemos considerar o Evangelho de Marcos um desses antecessores, e vários estudiosos acreditam que Lucas também usou uma fonte ou mais fontes escritas para boa parte do conteúdo adicional que ele tem em comum com Mateus (o material “Q”). No entanto, “muitos” dá a entender

que Lucas dispunha de um leque mais amplo de materiais escritos e de relatos orais, a maioria dos quais não chegou até nós, exceto na medida em que se encontra incorporada no Evangelho de Lucas e nos outros Evangelhos.

1.2 *aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra.* Fica evidente que Lucas não se inclui nessa categoria, mas que teve à sua disposição bons materiais de primeira mão. Observe o requisito em Atos 1.21,22: para que alguém fosse membro dos Doze era necessário que tivesse participado do grupo de discípulos desde o tempo do batismo de João até a ascensão de Jesus. Eles tinham visto e ouvido tudo e, portanto, eram um rico depósito de tradições (supostamente, em sua maior parte) orais das quais Lucas se valeu além dos registros escritos compilados pelos “muitos”.²

1.3 *eu mesmo investiguei tudo com cuidado, desde o começo.* O trabalho de Lucas se apresenta como um projeto sério de pesquisa, e não como uma coletânea aleatória de recordações. Se Lucas ficou na Palestina durante os cerca de dois anos que Paulo esteve preso antes de ser transferido para Roma (veja acima comentários sobre as passagens em primeira pessoa do plural), teve ampla oportunidade de realizar essa pesquisa ao entrar em contato com testemunhas oculares em Jerusalém e na Galileia. Os vislumbres extraordinários do mundo pessoal de Maria e de sua família nos capítulos 1—2 indicam que a própria Maria talvez tenha sido uma das pessoas entrevistadas por Lucas (veja comentários sobre 2.19).

Ao falar de um “relato ordenado”, será que há um indício de crítica, dando a impressão de que o trabalho de alguns dos antecessores de Lucas não tinha

“ordem”? Pápias, escritor cristão do início do segundo século, faz uma crítica semelhante em relação ao Evangelho de Marcos, que, por ser baseado nas recordações e ensinamentos relatados espontaneamente por Pedro, não pode ser acusado de não estar “em ordem”; Pápias também diz, de modo contrastante, que Mateus “colocou em ordem” o material do Evangelho a seu dispor (Eusébio, *Hist. ecl.* 3.39.15-16). “Elaborar” (*anatassomai*) em 1.1 também significa, mais literalmente, “colocar em ordem”. O termo que Lucas usa em 1.3 é diferente (*kathexēs*, “em sequência”), mas indica uma preocupação semelhante de que tudo esteja devidamente organizado. Leitores muitas vezes pressupõem que ele esteja se referindo especialmente a colocar os acontecimentos na devida ordem *cronológica*, mas há outros tipos de “ordem”: uma ordem temática, uma estrutura literária agradável, e assim por diante. Lucas é um escritor habilidoso, que sabe como narrar uma boa história, e colocar os elementos da história em sequência cronológica nem sempre é a maneira mais eficaz de apresentá-la. Por exemplo, a cena dramática na sinagoga em Nazaré que dá início ao relato do ministério de Jesus na Galileia (4.16-30) ocorre mais adiante nos Evangelhos de Mateus e de Marcos, e inclui uma referência à atividade prévia de Jesus em Cafarnaum (4.23) antes de Lucas relatar a primeira visita de Jesus a esse local. Lucas colocou o incidente no capítulo 4 não necessariamente porque ocorreu primeiro, mas porque fornece um relato programático vívido de como seria a missão de Jesus. Essa é uma “ordem” literária mais adequada do que a simples cronologia.

1.4 *para que tenha a certeza das coisas que lhe foram ensinadas.* Talvez Lucas

queira apenas dizer que deseja oferecer a Teófilo evidências sólidas para corroborar o ensino que ele recebeu. No entanto, há quem detecte aqui, mais uma vez, um tom de crítica acerca dos antecessores de Lucas. “Certeza” traduz o termo *asphaleia*, que denota algo firmemente estabelecido e que não pode ser movido. Quaisquer que tenham sido os pontos fracos talvez presentes em outros relatos sobre Jesus, o registro de Lucas não decepcionará o leitor. Será absolutamente confiável.

Se, portanto, levarmos em consideração as palavras de Lucas, ele nos diz que seu objetivo é escrever um relato histórico confiável e preciso, apresentado de forma literária aceitável, e que ele se esforçou consideravelmente para estar o mais bem informado possível.

Lucas, o Evangelista

No entanto, Lucas não é apenas um cronista de acontecimentos. Ele tem uma mensagem a transmitir. Muito daquilo que ele deseja que seus livros comuniquem é, naturalmente, compartilhado com os outros autores dos Evangelhos e com seu colega Paulo. Em alguns aspectos, contudo, sua obra se destaca por ser diferente dos textos deles.

Talvez o melhor termo para resumir a essência da mensagem de Lucas seja “salvação”.³ Tanto no Evangelho quanto em Atos, vemos várias pessoas que tiveram a vida transformada pela graça de Deus, como Zaqueu, em cuja casa houve “salvação”, o que levou Jesus a fazer sua declaração programática: “O Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19.9,10).

Zaqueu era um financista bem-sucedido, mas um pária social. Outros estavam “perdidos” de várias formas diferentes, e a narrativa de Lucas é conhecida por sua

forte empatia para com os marginalizados e os menos favorecidos: os pobres e os enfermos, os perseguidos e os endemoniados, as viúvas e os pais que perderam filhos, as mulheres e as crianças, o submundo social dos cobradores de impostos e pecadores, os gentios e até mesmo os samaritanos. Para todos, em suas diferentes necessidades, salvação e plenitude são oferecidas por meio do ministério de Jesus, que veio proclamar “boas novas aos pobres” (4.18), e Lucas gostava de usar essas histórias para ilustrar os ideais revolucionários expressos no Magnificat (veja 1.51-53), o reino de Deus que estava se iniciando, no qual os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos (13.30).

Tudo isso, evidentemente, é cumprimento (observe o uso de “cumpriram” em 1.1) daquilo que Deus prometeu, e Lucas, não menos que os outros Evangelistas (judeus), tem prazer em identificar o cumprimento das Escrituras nos acontecimentos que ele registra, a começar pela concentração notável de conteúdo do Antigo Testamento em Lucas 1—2, terminando com a exposição categórica por Jesus das Escrituras em Lucas 24.25-27,44-48.

Para ensinar o texto: Lucas 1.1-4

Lucas 1.1-4 pode ser ensinado como parte de uma mensagem de introdução ao estudo do Evangelho de Lucas. Uma vez que essa é a única passagem nos quatro Evangelhos em que o autor se refere explicitamente a si mesmo na primeira pessoa (“eu”) e identifica seu propósito ao escrever (veja, porém, a declaração de propósito em João 20.30,31), essa é uma introdução natural para o Evangelho. A passagem permite a apresentação de: (1) Lucas, o médico, como autor; (2)

Teófilo (e a comunidade à qual ele é associado) como destinatário; (3) ocasião e situação prováveis em que Lucas escreveu; e (4) seu propósito ao escrever. A passagem também ilustra o papel de Lucas como narrador, historiador e teólogo. Ele escreve uma “narrativa” (= relato), com elementos como personagens, cenário e trama; logo, é importante ler e acompanhar a história desde a introdução, passando pelo conflito e o clímax, até a resolução. No entanto, seu texto também é *relato histórico*. Lucas realizou uma pesquisa minuciosa e procurou testemunhas oculares a fim de produzir uma narrativa histórica precisa e confiável. Não se trata, contudo, de “simples história”.

É uma história teologicamente motivada, o relato da salvação que Deus realizou por meio de Jesus, o Messias, e que ele continua a realizar por meio de sua igreja (em Atos). Todos esses pontos importantes (essenciais para uma introdução ao Evangelho de Lucas) podem ser apresentados em um sermão ou em uma lição com base em 1.1-4. Certifique-se de destacar a ênfase de Lucas na descrição do curso da “história da salvação”; em outras palavras, Lucas vê os acontecimentos da vida de Jesus, sua morte, sua ressurreição e a expansão da igreja em Atos como o ponto culminante do plano mundial de Deus de redenção e de cumprimento das promessas feitas por ele à nação de Israel.